

Legitimação de um ideário artístico: as publicações culturais e os percursos do ensino de história da arte na Faculdade de Artes Visuais/UFG

Profa. Dra. Maria Elízia Borges

Professora da FAV/UFG e Pesquisadora do CNPq
Membro do CBHA

Déborah Rodrigues Borges - UFG/ MCV¹
Halima Alves de Lima Eusta - UFG/ MCV

No presente texto, busca-se indagar parte do ideário artístico da sociedade goiana mediante a identificação de reproduções de obras de arte que ilustram a *Oeste-Revista Mensal* (1942-1944) e de textos voltados à historiografia da arte contidos na *Revista Goiana de Artes* (1980-1992). Propõe-se também apresentar os primeiros resultados parciais de um mapeamento sobre a importância dada ao ensino de história da arte nos cursos de graduação (licenciatura e bacharelado) do antigo Instituto de Artes fundado em 1968. Ele foi resultado da junção do Conservatório Goiano de Música com o Instituto de Belas Artes, atual Faculdade de Artes Visuais, resultante da separação em 1996 dos cursos de música e artes visuais. A partir destes levantamentos pode-se iniciar uma reflexão de como o conhecimento da história da arte veio legitimando dentro do contexto universitário e cultural da sociedade goiana.

A *Oeste-Revista Mensal* teve sua primeira edição lançada em 5 de julho de 1942, sob a direção de Zecchi Abrahão. Este número foi criado especificamente para o Batismo Cultural da cidade de Goiânia e nasceu com o objetivo de contribuir para propagar o Estado Novo. Havia um espaço destinado para os jovens escritores goianos, para que os mesmos pudessem publicar textos e expressarem seu culto a modernidade do Estado de Goiás mediante a instalação da nova capital do Estado. “*Oeste* prestigia todos os moços cultos

¹A pesquisadora Déborah Rodrigues Borges (UFGF/MCV) fez o levantamento da *Revista Goiana de Artes* (1980- 1992), e a pesquisadora Halima Alves de Lima Eusta fez o levantamento da *Oeste-Revista Mensal* (1942-1944).

de Goiás. Vai buscá-los, a escafandro, do fundo do obscurecimento. Disputa-los às mãos valoricidas da mediocridade" (nº. 1, julho, 1942: 34).

A segunda edição, lançada somente em março de 1943, teve como diretor Gerson de Castro Costa, que permaneceu neste cargo até a n. 13 (Fevereiro, 1944). Ela passou a ser patrocinada pela Imprensa Oficial do Estado de Goiás, desta forma permaneceu vinculada oficialmente com o ideário político do Estado Novo. Estas revistas eram intercaladas com textos literários dos jovens escritores goianos, como poemas e contos; com textos históricos que enalteciam aspectos da riqueza regional; com textos que exaltavam políticos locais, tais como o interventor do Estado, Pedro Ludovico, e o então presidente da República, Getúlio Vargas.

Num terceiro momento (Costa, 1994), sob a direção de Vasco dos Reis Gonçalves, n. 14 até n. 23 (dezembro, 1944), a revista reduziu consideravelmente o espaço dado à literatura regional e continuou dando ênfase à política estadual, nacional e internacional. Ela era vendida no centro da cidade de Goiânia, havia alguns números de assinantes e uma mala direta encaminhada para órgãos públicos estaduais e federais, assegurando assim a sua veiculação em todo o território nacional (Costa, 1994).



Primeira Missa no Brasil, Vitor Meireles de Lima. M.N.B.A. (nº.16, maio, 1944)

Esta revista tornou-se um documento histórico da cidade de Goiânia, haja vista que, em 1993, o literato José Mendonça Teles coordenou uma edição fac-similar dos seus 23 fascículos.

Como foi projetada a *Oeste-Revista Mensal* dentro da área de Comunicação Visual? Trata-se de uma diagramação simples, adornada com pequenos motivos de época. Na capa de cada número da revista costumava-se deixar um espaço específico para a reprodução de uma imagem. São reproduções de pinturas, de esculturas, gravuras, desenhos e fotografias relacionadas a fatos correspondentes ao mês de cada uma das edições.

Quanto às pinturas, em menor número, mapeamos reproduções de obras de artistas do século XIX e início do século XX, muito referendadas nos livros de história do Brasil da época. Dentro do levantamento coletado das capas destacamos: - *Independência ou morte* de Pedro Américo de Figueiredo e Melo (nº. 8, setembro, 1943); - *Proclamação da República* de Henrique Bernardelli (nº. 10, novembro de 1943); - *Primeira Missa no Brasil* de Vitor Meireles de Lima, 1861, M.N.B.A. (nº.16, maio, 1944);

No corpo da revista costumava-se ilustrar alguns textos com reproduções de obras, a saber: - *Os Inconfidentes* do professor Carlos Oswald (nº. 15, abril, 1944); - *Retrato de D. Pedro I* de Manoel de Araújo Porto-Alegre (nº.19, agosto, 1944); - *Sessão do Conselho de Estado* de Georgina de Albuquerque, 1922 (nº.20, setembro de 1944); - *Os primeiros sons do Hino da Independência* de Augusto Bracet (nº.20, setembro de 1944); - *A partida da monção* de José Ferraz de Almeida Júnior (nº.20, setembro de 1944); - *Bandeirantes em pleno sertão* de Henrique Bernardelli (nº.20, setembro de 1944); - *Monumento ao Bandeirante* de Armando Zago (nº. 6, julho, 1943) sendo a única obra instalada na cidade de Goiânia na Avenida Anhanguera.

A *Oeste-Revista Mensal* ilustrou, tanto no seu corpo como em suas capas, fotografias que retratavam personalidades políticas do momento e vistas da nova capital do Estado de Goiás e do interior do Estado. As fotos dessas cidades são sempre com o intuito de reforçar a prosperidade desta “marcha para o oeste”, sinônimo de progresso e desenvolvimento local.

Sabe-se que Goiânia foi fundada em 1935 e na década de 1940 ela estava no auge do seu período desenvolvimentista, construindo uma série de edifícios públicos, praças, avenidas, clubes e teatros. Todos estes empreendimentos, procurando adequar-se ao estilo *art déco*. A Praça Cívica, vista em vários ângulos, tornou-se uma imagem quase que obrigatória em todos os números da revista.

Goiânia – cuja construção é uma afirmação da nossa capacidade realizadora e de nossa confiança nos destinos de nossa terra, oferece, a cada momento, em consequência de seu progresso incessante, os mais surpreendentes aspectos. Na fotografia acima, a Praça cívica aparece no seu conjunto admirável, batizada de sol, na manhã luminosa (nº. 14, março, 1944).

Diante do inventário realizado pode-se detectar que tipos de obras artísticas foram propagados, neste primeiro meio de comunicação cultural, pelo Estado Novo, aos habitantes da nova capital. Trata-se de reproduções detentoras de um ideário estético acadêmico vinculado a uma produção artística realizada, em sua maioria, por alunos e/ou professores da Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro. A seleção das obras foi feita, certamente, dentro do parâmetro de utilizar a reprodução como objeto de ilustração histórica e não como objeto de análise artística.

Mesmo assim, dentro do contexto de época, tempo específico de uma nova capital periférica, deve-se considerar a agregação secundária dessas obras na *Oeste-Revista Mensal* como um estímulo ao conhecimento da história da arte brasileira.

Em outro momento, quarenta anos depois, o então Instituto de Artes da Universidade Federal de Goiás começou a publicar a *Revista Goiana de Artes*. A proposta deste periódico consistia em tornar-se

Um veículo de divulgação do ensino e da pesquisa nas diversas áreas artísticas, para publicação da produção acadêmica dos professores da UFG e demais universidades, como também de especiais colaboradores (vol. 12/13, nº. 1 –Jan./Dez.1991/1992).

Os problemas financeiros interferiram na periodicidade da revista, inicialmente semestral (1980- 1984), passando a anual (1985- 1987) e por último bienal (1988- 1992), segundo informações da editora Maria Augusta Calado Rodrigues, especialista em cultura folclórica do Estado de Goiás. Dentre as normas de publicação consta a originalidade e ineditismo do assunto. Os resumos estão vertidos em inglês.

Urge lembrar que esta região do país, historicamente, não esteve inserida como precursora de nenhum movimento artístico nacional, logo, a revista propunha preencher uma lacuna cultura no ambiente artístico vigente.

Dentro do contexto geral vê-se que a maioria dos artigos deste periódico aborda temas vinculados à música e à literatura. Dos dezesseis números editados, numa média de seis artigos por publicação, detectamos apenas quinze artigos específicos sobre artes plásticas. A maioria deles versa sobre a produção artística goiana e são escritos por professores da Universidade Federal de Goiás, artistas, críticos e intelectuais da cidade de Goiânia.

O literato, teatrólogo e crítico de arte Carlos Fernando Magalhães apresenta um breve histórico sobre o desenvolvimento do cenário artístico goiano, especificando a trajetória do artista Cleber Gouveia, professor de Pintura do Instituto de Artes (*Cleber Gouveia; encontro com a pintura*, vol. 2, nº. 2- jul./dez. 1981); o artista plástico Siron Franco traça um perfil narrativo do Frei Confaloni, aquele que ele considera como o “primeiro pintor de

nível em Goiás” (*Confaloni*, vol. 3, nº. 1- Jan. Jun. 1982); o volume 4, n. 1, de Janeiro/ junho de 1983 vem confirmar a importância dada a este artista ao apresentar desenhos de bicos de pena extraídos do álbum “Desenhos do Frei Nazareno Confaloni”; o pesquisador regionalista Elder Camargo de Passos descreve uma biografia e faz considerações gerais sobre a técnica de trabalho do escultor Veiga Valle (*José Joaquim da Veiga Valle - um autodidata - um inspirado*, vol. 5. nº. 2- Jul. Dez. 1984)

Dentro deste objetivo ainda de enaltecer os artistas da região, Amphilóphio de Alencar Filho, professor da Faculdade de Educação da UFG, faz um texto sobre a arte sacra no Brasil para em seguida analisar peças dos escultores santeiros de Goiás: Veiga Vale, Padre Francisco Ignácio da Luz, Antônio José de Sá, Sebastião Epifânio e Maria de Beny (*Cinco santeiros goianos: uma apreciação*, vol. 5, nº. 1- Jan./ Jun. 1984); Brasigóis Felício, jornalista e escritor, apresenta uma opinião pessoal sobre as obras do artesão Sebastião dos Reis (*Os Anjos cantam e dançam na arte de Sebastião dos Reis*, vol. 12/13, no. 1- Jan./ Dez. 1991/1992); Maria Augusta Calado, por sua vez, coloca um depoimento do ceramista Elifas (vol. 8/9, nº. 1- Jan. Dez. 1987/88).

A revista recebeu pouca colaboração de textos de críticos de repercussão nacional e estes, por sua vez, também contribuíram para legitimar artistas locais. Pietro Maria Bardi e Walmir Ayala deixam registradas suas impressões a respeito da obra de Siron Franco, quanto ao aspecto formal e temático (vol. 2, nº. 1- Jan. Jun. 1981); Walmir Ayala traça a trajetória da artista Cléa Costa, professora do Instituto de Artes nas cadeiras de desenho, gravura e pintura (Vol. 7, nº. 1 – Jan./Dez. 1986).



Cavalheiro na Chuva, Frei Nazareno Confaloni, *Revista Goiana de Artes*, jan./jun. 1983.

Quanto a temas de história da arte com abrangência internacional a *Revista Goiana de Artes* se deteve em apenas dois artigos. Henning Gustav Ritter (1904- 1979), professor de Escultura do Instituto de Artes, republicou da *Revista Arte Nossa* (nº. 1, 1960) um artigo sobre “Arte moderna” (vol. 4, nº. 2- Jul. Dez. 1983). O texto apresenta, de modo confuso, noções do que o autor entendia sobre a transição entre a arte moderna e a arte contemporânea.

Saturnino Pesquero Ramón, professor da área de Ciências Sociais, com doutorado em Artes, escreveu dois artigos que se completam sobre a obra *Guernica* de Pablo Picasso. (vol. 2, nº.2- Jul. Dez. 1981; vol. 7. nº. 1- Jan. Dez. 1986) Estes artigos são frutos de um trabalho mais minucioso que o autor faz da obra enquanto objeto de análise artística, política e psicológica. Eles antecederam a publicação do livro *O Guernika: arte / paixão* (Goiânia: ABEU-Associação Brasileira das Editoras Universitárias, 1993).

Por fim, inventariamos dois artigos referentes à técnica da gravura redigidos por dois professores de gravura do Instituto de Artes, Evany Dias Ktenas (vol. 3. nº. 2- Jul. Dez. 1982) e José César Teatini de Souza Clímaco (vol. 11. nº. 1- Jan. Dez. 1990).

A incidência de artigos sobre artes plásticas ao longo de todas as edições da *Revista Goiana de Artes* foi irrisória se comparado ao espaço dado para historiografia musical e literária. De modo geral, os textos voltados à historiografia das artes plásticas se apresentam não como artigos científicos, condizentes com a proposta da revista, mas sim como resenhas, depoimentos, enfim, textos advindos da experiência de vida pessoal de cada autor.

A revista consistiu em se configurar como um espaço de comunicação cultural da década de 1980, dentro da Universidade Federal de Goiás, legitimando e difundindo certos artistas como se fossem produtores artísticos de uma identidade goiana. Ela centralizou também em alguns artistas que já estavam sendo reconhecidos nacionalmente por meio de suas participações nas Bienais de São Paulo, como Henning Gustav Ritter e Siron Franco. Preocupou-se também em reconstruir um imaginário artístico popular ao mitificar a importância dos santeiros. Provavelmente, isso se deve ao grande peso que a editora da revista dava a assuntos vinculados à arte folclórica.

Enquanto o Estado Novo, na década de 1940, através da *Oeste-Revista Mensal*, utilizou temas históricos da arte brasileira como recurso ilustrativo e de auto-afirmação, a *Revista Goiana de Artes*, quarenta anos depois, buscava disseminar uma produção artística local que começava a ser reconhecida dentro do circuito artístico nacional. Em ambas persistem uma maneira peculiar de validar certos valores artísticos que permeiam do figurativo acadêmico ao moderno, agravado pela legitimação do monopólio local.

Para Selma Parreiras, artista plástica e professora da Faculdade de Artes Visuais na disciplina de Pintura (depoimento, agosto, 2006), a cidade de Goiânia contava também com outros meios de divulgação artística como

o Caderno 2 do jornal *O Popular*. Tinha-se como hábito escrever matérias críticas sobre artes visuais de âmbito nacional e internacional, muitas delas escritas pelo crítico de arte local, Miguel Jorge. O ufanismo regional também existia, todavia mais diluído.

A grade curricular da disciplina História da Arte do Instituto de Artes, por sua vez, não tinha nenhuma correspondência com os postulados da *Revista Goiana de Artes*. De 1981 a 1983 os alunos se bacharelavam em Artes Plásticas, e havia uma carga horária de 240 horas destinadas à História da Arte Geral, disseminados em módulos I, II, III e IV, distribuídos em cinco anos. Pelas ementas pudemos observar que o conteúdo seguia a cronologia histórica abordando períodos que iam da pré-história até os movimentos do século XX e a arte brasileira, quando mencionada, era estudada como um apêndice dentro deste contexto universal.

O professor Adelmo Café, formado em Economia e funcionário do Banco do Brasil, ministrava estas aulas mediante a referência estabelecida como de “grande conhecedor das artes” e de “ter uma boa formação erudita”. As aulas expositivas eram intercaladas com apresentação de muitos slides. Valorizava-se o sistema histórico evolutivo, pontuava-se a perspectiva do declínio e da ascensão de todas as formas civilizacionais. O prezado professor indicava como livros de apoio o dos autores Ernest Gombrich (*A História da Arte*) e Arnold Hauser (*História social da Literatura e da Arte*) (Marcos Soares, depoimento, agosto, 2006).

O Instituto de Artes reformulou seus cursos em 1984 que passaram a funcional em regime anual. O curso de bacharelado em Artes Plásticas continha as habilitações em Escultura, Pintura e Gravura; instalaram-se os cursos de Decoração, de Comunicação Visual e de Educação Artística com as habilitações em Desenho, Artes Plásticas e Música.

A grade curricular ampliou a carga horária de História da Arte, passando a ter 384 horas, tronco comum a todos os cursos. A Resolução 199 especificou e delimitou melhor os conteúdos: Estética e História das Artes I, II e Sociologia das Artes. Em 1987, a Resolução 260 modificou os títulos das disciplinas dentro da mesma carga horária, a saber: Introdução as Artes, Evolução das Artes Visuais, Estética Visual e Sociologia da Arte. A mudança de terminologia não implicou em mudanças estruturais na maneira de ministrar as disciplinas tidas como “teóricas”.

No ano 2000, na então Faculdade de Artes Visuais, as disciplinas teóricas foram estendidas para uma carga horária de 470 horas para um período de quatro anos. Acrescentaram-se conteúdos específicos como História da Arte Brasileira I e II, Teorias da Arte Contemporânea, Poéticas Visuais Contemporâneas e Aspectos Socioculturais da Imagem. Estas disciplinas estavam a cargo de um número maior de professores, cabendo a presente comunicadora ministrar Arte Brasileira.

A última reformulação curricular ocorreu em 2003, quando se voltou ao regime semestral e ficaram mais bem delineadas as necessidades historiográficas condizentes com cada habilitação. Os títulos e as ementas das disciplinas passaram a pontuar os assuntos. A carga horária, por sua vez, foi reduzida: curso de Artes Visuais, licenciatura – 288 horas; bacharelado em Artes Plásticas- 256 horas; bacharelado em Designer Gráfico – 192 horas; bacharelado em Designer de Interiores- 192 horas.

Grade curricular – disciplinas da área de História da Arte

Disciplinas	Cursos de graduação
Arte Pré-História/Id.Média	Lic/ D. Gráfico/ D. Interiores/ Artes Plásticas.
Poéticas Visuais Contemp.	Lic/ D. Gráfico/ D. Interiores/ Artes Plásticas.
Arte do Renasc, ao Neoc.	Lic/ D. Gráfico/ D. Interiores/ Artes Plásticas.
Arte e Cultura popular no Br.	Lic/ D. Gráfico/ D. Interiores/ Artes Plásticas.
Arte Contemporânea	Lic/ D. Gráfico/ D. Interiores/ Artes Plásticas.
Arte Moderna: Rom/ Imp.	Lic./ _____ Artes Plásticas.
Arte Brasileira: Col./Imp.	Lic./ _____ Artes Plásticas.
Arte Moderna: vang. artísticas	Lic./ _____ Artes Plásticas.
Arte Brasileira séc. XX	Lic./ _____ Artes Plásticas.
Arte na Am. Latina	Lic./ _____
Arte Moderna	___D. Gráfico/ D. Interiores_____.
Arte Brasileira	___D. Gráfico/ D. Interiores_____.
Arte Goiana	disciplina optativa para todos os cursos.
Total da carga horária:	288 192 192 256 horas

Dentro desta nova grade curricular e lendo as ementas dessas disciplinas percebe-se que existe uma forma linear de organizar os conteúdos da disciplina História da Arte. Persiste a noção de universalismo compreendido com a arte européia, perpassando pela arte norte-americana, organizada em meta narrativa. Como complementos ficam os conteúdos da arte popular, vistos como residual de uma cultura erudita e da arte brasileira que é minis-

trada em um dos últimos semestres dos cursos. (Guimarães, 2005). Por sua vez, em 2006, a Faculdade de História incluiu em sua grade curricular Arte Brasileira com uma carga horária de 64 horas.

O estudo da arte goiana, mesmo dentro de uma carga irrisória, já pode ser considerado como um avanço advindo do resultado das pesquisas iniciadas no Curso de Mestrado em Cultura Visual, implantando em 2003. Deu-se início a uma legitimação da arte goiana embasada dentro de um modelo de uma pesquisa acadêmica. O conteúdo de Arte Contemporânea tornou-se a grande expectativa e ao mesmo tempo a grande frustração do alunado que conta com pouca vivência artística.

Desta forma, o evolucionismo da história da arte se perpetua na estrutura hierárquica dos conhecimentos. Ele está inserido na dicotomia entre alta cultura versus cultura popular, entre educação e trabalho, entre teoria e prática, valores que norteiam todas as instâncias dos cursos da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (Guimarães, 2005).

No Estado de Goiás, a Faculdade de Artes Visuais é a única instituição de ensino que propicia a formação do aluno nas áreas de Licenciatura e em Bacharelado em Artes Visuais. Ela agrega um contingente grande de alunos nos seus cursos de graduação, perfazendo uma entrada anual em torno de 130 vagas. Vê-se que os conhecimentos adquiridos nas disciplinas de História da Arte contribuem para legitimar um ideário artístico na formação do graduando.

Há também a *Revista Visualidades* (nº.1, 2003), do Programa de Mestrado em Cultura Visual, que de certa forma retoma a questões inerentes à *Revista Goiana de Artes*. Seu propósito está em “desenvolver um projeto editorial em que cultura e visualidade estejam articuladas, refletindo o expandido e emaranhado campo artístico contemporâneo e a interdisciplinaridade das abordagens de pesquisas que se propõem enfrentar os processos de significação de cultura visual em seus variados contextos de manifestações” (editorial nº.1,2003). Em cada número um artista é contemplado com uma entrevista, contribuindo assim para a familiarização com a obra de arte contemporânea.

Referências

ARQUIVO da Secretaria da Faculdade de Artes Visuais. Goiânia, 2006.

COSTA, Maria Beatriz Rodrigues. *A revolução de 1930 e Revista Oeste na consolidação de Goiânia: do bandeirantismo utópico a concretização do discurso*. Mestrado em História. Faculdade de História. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1994.

GUIMARAES, Leda Maria Barros. *Entre a universidade e a diversidade. A linha vermelha do ensino da arte*. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em Artes) - ECA, USP.

OESTE-REVISTA MENSAL. Edição fac-similar em comemoração ao Cinquên-tenário da Fundação de Goiânia. Goiânia: Universidade Católica de Goiás e Caixa Econômica Federal, 1983.

PARREIRA, Selma. Depoimento [ago. 2006]. Entrevistadora: Maria Elízia Borges. Goiânia, 2006.

REVISTA GOIANA DE ARTES. Goiânia: Instituto de Artes da UFG, 1980-1992 (16 números).

SOARES, Marcos. Depoimento [ago. 2006]. Entrevistadora: Maria Elízia Bor-ges. Goiânia, 2006.

VISUALIDADES. Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual. Ano1 nº. 1 (2003). Goiânia: UFG, FAV, 2003.